



## **Mídia e meio ambiente: na visão de agricultores familiares de comunidades do município de Santa Rosa – RS<sup>1</sup>**

Patrícia Kolling<sup>2</sup>

Ilza Maria Tourinho Girardi<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

Apresenta uma análise das percepções dos agricultores familiares de comunidades rurais do município de Santa Rosa, noroeste do Rio Grande do Sul, sobre o meio ambiente e a veiculação desta temática na mídia. O suporte teórico mostra as relações entre o modelo de desenvolvimento econômico atual, o equilíbrio ambiental e a agricultura. Demonstra as influências da mídia ao prover os agricultores de informações relevantes para o seu cotidiano e na formação de uma consciência ecológica.

### **Palavras-chave**

Meio Ambiente, mídia, desenvolvimento, agricultores familiares.

## **1 INTRODUÇÃO**

Os desastres ambientais têm se tornado cada vez mais frequentes e graves, provocando a destruição de plantações, construções e até mesmo de cidades inteiras, com a morte milhares de pessoas. No final de 2005, o mundo foi abalado pela ação das grandes ondas (*tsunamis*) que arrasaram cidades na Indonésia, Índia, Sr. Lanka, Tailândia, Malásia, Maldivas, Seychelles, Somália, entre outros países banhados pelo Oceano Índico, deixando em torno de 280 mil mortos, 27 mil desaparecidos e mais de um milhão e 200 mil desabrigados. No sul do Brasil, a estiagem durante o verão de 2004 resultou na perda total de grande parte das lavouras de milho e soja. Outros eventos como avalanches e terremotos têm aparecido estampados nas capas dos jornais e revistas e movimentam o noticiário da mídia eletrônica no mundo inteiro provocando horror e uma onda de solidariedade nos diversos continentes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Ilza Maria Tourinho Girardi. Pós-graduada em Humanidades pela Universidade Regional do Noroeste do RS e graduada em jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. Endereço eletrônico: [patikolling@uol.com.br](mailto:patikolling@uol.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora- Adjunta do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: [ilza.girardi@ufrgs.br](mailto:ilza.girardi@ufrgs.br)



Esses desastres, que estão ligados à forma como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente e que têm grande repercussão na mídia e na sociedade, não são, porém, os únicos perigos a afetar a sobrevivência da Humanidade. Outros fatores de agressão ao meio, mais sutis e com efeitos progressivos, interferem diretamente no cotidiano de todos nós. No meio urbano enchentes e desabamentos provocados pela chuva e falta de cobertura vegetal causam grandes prejuízos. No meio rural a erosão do solo decorrente o manejo agrícola incorreto, representam danos ambientais e produtivos irreparáveis. Tanto nas áreas rurais como urbanas convive-se, muitas vezes, com altos índices de poluição do ar, água, solo, alimentos, que deixam as pessoas doentes, sem que tenham consciência dos perigos que estes organismos poluentes representam.

Mas por que chegamos a este nível de degradação ambiental? Por que os seres humanos se comportam como se não tivessem responsabilidade sobre o resultado de seus atos? O advento da ciência moderna foi aos poucos distanciando o homem da natureza, que na ânsia por dominá-la, colocando-a a seu serviço tornou-se uma vítima de sua própria inteligência. Para restabelecemos a sustentabilidade do planeta precisamos lembrar que o meio ambiente é um sistema do qual nós fazemos parte, onde cada elemento está relacionado um com o outro. Assim, o homem faz parte do sistema e está inserido nos processos cíclicos da natureza e suas atividades podem desequilibrar toda a teia da vida se não houver cooperação. Nesse sentido, é necessário ter uma visão sistêmica e optar por um sistema de cooperação entre os seres, em vez de inserir-se na competitividade exigida pelo mundo capitalista.

Sem dúvida, a busca inconseqüente pelo desenvolvimento, pela modernização e pelo crescimento econômico e pela globalização dos mercados tem favorecido o desequilíbrio ambiental (LEFF, 2001). Esse processo, que tem por principal objetivo o aumento dos lucros, gera na sociedade um espírito competitivo que leva ao consumo sem limites, a produção desenfreada, as desigualdades sociais, ao enfraquecimento das relações sociais e de solidariedade. Nesta perspectiva, Capra ( 2001, p.157) assinala que “[...] a expansão ilimitada num planeta finito só pode levar a catástrofe”.

O processo de modernização da agricultura, que teve a Revolução Verde como o seu programa mais ousado, tinha por objetivo aumentar a produtividade e produção das lavouras para, aparentemente, banir a fome do mundo. Baseada no uso intensivo de adubos solúveis, de agrotóxicos, de sementes selecionadas, da mecanização provocou grandes danos à saúde do homem do campo e, conseqüentemente ao meio ambiente. O uso de tecnologias ditadas pela ciência agrônômica foi separando o agricultor da



natureza, pois de observador e conhecedor dos processos que ocorriam à sua volta, tornou-se um aplicador de receitas, totalmente desconectadas do seu meio.

Os resultados desse movimento iniciado aproximadamente no final da Segunda Guerra Mundial, que nos anos 90 teve o acréscimo da biotecnologia, ainda são percebidos hoje. Esse processo que é essencialmente competitivo e que elimina tanto na natureza como na vida social os “mais fracos”, passa a interferir drasticamente nos processos de cooperação da natureza. O ecossistema, que tem na diversidade seu sinônimo de estabilidade, é simplificado. Conforme Romeiro (1998, p. 201):

Um sistema que era complexo e interdependente é simplificado ao extremo, como, por exemplo, através da introdução da monocultura, que provoca profundo desequilíbrio, tanto do ponto de vista da cobertura vegetal, como daquele da atividade física, química e biológica.

Ele acrescenta que quanto mais simplificado, ou seja, menos diversificado for um determinado ecossistema maior a necessidade de fontes exógenas para manter o equilíbrio. O que faz com que os agricultores tenham que interferir permanentemente sobre a natureza, introduzindo cada vez mais produtos industriais, para manter o meio estável e produtivo.

Todo esse processo de simplificação da agricultura e modernização levou a graves prejuízos. Explica Veiga (2003, p. 200), que no sul do Brasil, a exploração agrícola sem controle, tanto pela devastação das matas quanto pelos obtusos modos de manejo do solo, estimulados pela busca de produtividade, facilitaram os processos erosivos. Solos erodidos passaram a exigir mais fertilizantes, que nem sempre suprem de modo adequado as necessidades nutricionais das plantas, tornando-as por isso mais suscetíveis ao ataque de insetos e doenças. Isso levou os agricultores a aplicar doses crescentes de venenos que também eliminam os inimigos naturais. Como os agrotóxicos não conseguem eliminar toda a população de um inseto<sup>4</sup> que se proliferou em demasia, os indivíduos sobreviventes se tornam cada vez mais resistentes. Institui-se assim um círculo vicioso onde é necessário aplicar sempre mais produtos químicos, o que encarece a produção e diminui os lucros do agricultor.

Agregam-se também fatores como: a poluição por produtos químicos e dejetos de animais e o assoreamento dos rios devido à erosão, a poluição atmosférica causada pela queima de canaviais e matas, com a emissão de gases que prejudicam o sistema

---

<sup>4</sup> O paradigma moderno convencionou denominar de praga a ocorrência de uma superpopulação de insetos.



respiratório de todos os seres vivos e contribuem para aumentar o efeito estufa, a redução da biodiversidade e a contaminação dos alimentos. Como aspecto social soma-se a exclusão dos agricultores que não conseguiram acompanhar a modernização tecnológica, que viveram processos de empobrecimento e/ou tiveram que migrar para as cidades.

Os efeitos da degradação ambiental inter-relacionam-se de formas diferentes com a modernização da agricultura e com a modernização industrial. Isto porque a agricultura é a atividade humana que mais intimamente conecta a sociedade a natureza. “Sua prática e produtividade, apesar da modernização e mecanização, continuam a depender em maior grau dos recursos naturais, do que da atividade humana”, destaca Veiga (2003, p. 209). Diferente de uma indústria, que se chover ou fizer sol tem condições de continuar produzindo na mesma escala, na agricultura períodos de falta ou excesso de chuvas podem ser catastróficos, o solo sem fertilidade pode significar perda de produção e o uso indiscriminado de agrotóxicos pode terminar com plantações.

Diante disso, Veiga (2003, p. 200) coloca que a História ensina que grandes sucessos sempre se transformam em excessos quando não são devidamente controlados. “Enquanto não forem aperfeiçoados para evitar abusos inconvenientes, os métodos de produção da dita agricultura moderna serão tão perigosos quanto foram, muito antes, inúmeras outras formas de produção primária”, destaca. Ele conclui ainda que sem freios institucionais, os praguicidas e os fertilizantes químicos continuarão a ser utilizados até o limiar de sua rentabilidade, que costuma estar muito além do limiar de nocividade. Sem interdição, quaisquer produtos perigosos, mas lucrativos, não cessarão de ser empregados.

A situação torna-se ainda mais grave se pensarmos que a agricultura, que dependente da natureza, é a principal fonte de alimentação e sobrevivência do homem.

Por mais, que se estejamos vivendo na “aurora de uma nova era” – rotulada de pós-industrial, pós-moderna ou pós-escassez - a verdade é que a Humanidade continua muito longe de encontrar uma fonte de energia necessária à vida que dispense o consumo de plantas e animais, como ocorre a dois milhões de anos e por mais que venha a ser modificada a esfera da produção alimentar, esta importância singular da agricultura manter-se-á até que surja uma alternativa à transformação biológica da energia solar em nutriente. ( VEIGA, 2003, p. 209).



O alerta do autor reforça a necessidade da mudança de atitudes que levem à transformação das práticas culturais de forma a restabelecer a ligação harmônica do homem com a natureza.

## **2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS INFORMAÇÕES AMBIENTAIS**

Para tentar reverter este estado de desequilíbrio ambiental e devastação, em que só a produção e o lucro interessam, são necessários educação e conhecimento. Dencker e Kunsch (1996) acreditam que somente com a comunicação será possível conscientizar a população em geral, segmentos representativos da sociedade civil e governos de que o atendimento as necessidades e as aspirações do presente, sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro, é uma tarefa de toda a sociedade, e não só de uma organização, pessoa, ou governo.

Nesse sentido, Capra (2002) nos fala das redes de comunicação que formam as comunidades humanas, comparando-as às redes da natureza. Segundo ele à medida que as comunicações acontecem em uma rede social, elas acabam produzindo um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores – um contexto comum de significados, conhecido como cultura, que é sustentado por novas comunicações. Entre os diversos tipos de redes de comunicações humanas está o sistema de comunicação da mídia, que hoje se constitui em conglomerados de multimídia de alcance global. Uma rede, que principalmente com auxílio das novas tecnologias, está presente praticamente na vida de todas as pessoas seja através dos meios impressos, radiofônicos, televisivos ou novos meios, e que tem imenso poder de influenciar as opiniões e ações da sociedade. “A cultura que criamos e sustentamos com nossas redes de comunicação determina não só nossos valores, crenças e regras de conduta, mas até mesmo a nossa percepção da realidade” evidencia Capra (2002, p. 166)

Mesmo possuindo um amplo papel social e capacidade de transformar a cultura dos povos, a mídia tem destinado pouco espaço, para abordar com profundidade os problemas ambientais. Para Hannigan (1995), a cobertura ambiental dos meios de comunicação social é, em larga medida, limitada e moldada por aspectos logísticos, tecnológicos, econômicos e ocupacionais, ligados ao processo noticioso.

Um primeiro aspecto que podemos apontar, é que hoje em dia o critério central de noticiabilidade é o urgente, o instantâneo, por isso as grandes catástrofes ambientais,



com repercussões imediatas são notícias “quentes”, enquanto que o efeito estufa e o aquecimento global, que vão se agravando aos poucos e que vem se desenvolvendo há muitos anos e terão ainda 50, 100 ou mais anos para causar prejuízos, não são temas que interessam. Na visão imediatista o que vai acontecer daqui algumas décadas não interessa e assim as notícias são moldadas em acontecimentos recentes para causar maior impacto. Os transgênicos, por exemplo, conforme essa lógica, são abordados na maioria das vezes pela mídia pela sua repercussão na economia, porém suas conseqüências futuras para a saúde humana e para o meio ambiente não são destacadas. As notícias, normalmente devido ao pequeno espaço que os meios de comunicação dispõem, não se centram no contexto dos acontecimentos, tratando-os na superficialidade. Hannigan justifica que, as histórias dos meios de comunicação sobre os acontecimentos ambientais favorecem enquadramentos monocausais, em vez de enquadramentos que envolvem redes causais longas e complexas. Aspectos estes decorrentes, muitas vezes, das rotinas produtivas das redações jornalísticas, que correm contra o tempo e espaço e pela falta de especialização dos repórteres no assunto.

Outro fator que faz com que os temas relacionados à problemática ambiental tenham pouco espaço na mídia está relacionado à intensa relação e dependência que a mídia tem com o mercado e capital. Como quem sustenta a mídia é o mercado, mais espaço logicamente é destinado à economia. Por outro lado, as grandes empresas mundiais, que investem expressivas somas de recursos na divulgação de seus produtos, muitas vezes são as principais responsáveis pela degradação ambiental. Como, então, apresentar na televisão, no jornal ou rádio algo contra estas empresas que são as principais anunciantes e mantenedoras dos meios de comunicação?

Silveira (1996, p. 140) evidencia que na atual sociedade capitalista as notícias e a tecnologia agropecuária são, ao mesmo tempo, mercadorias, cuja correspondência se dá por meio de processos específicos de difusão agropecuária e pelo processo de comunicação social. Para Marcondes Filho (1984, apud Silveira, 1996, p. 141) na sociedade de classes parece ser evidente que a imprensa seja utilizada para atender ao seu papel próprio de aparelho capitalista. A notícia emoldura então certos conceitos que eventualmente irão dar suporte aos interesses daqueles que detêm o poder.



### 3 O PERFIL DOS AGRICULTORES PESQUISADOS

Para investigar como se dá relação dos agricultores com a natureza e a influência das informações ambientais veiculadas pela mídia no seu cotidiano foi realizada uma pesquisa com 30 agricultores moradores do meio rural das comunidades de KM 10, Lajeado Guabiroba e Lajeado Tigre, localizadas na área rural do município de Santa Rosa, noroeste do Rio Grande do Sul, em 16 e 17 de novembro de 2004. Foram realizadas entrevistas com questões semi-estruturadas durante visita realizada nas casas<sup>5</sup> das pessoas, sem aviso prévio<sup>6</sup>.

Dos entrevistados 15 pertenciam ao sexo masculino e 15 ao sexo feminino e tinham entre 12 e 70 anos. Nos gráficos abaixo poderemos conferir características de idade, estado civil e nível educacional dos entrevistados.

**Tabela 1 – Idade dos entrevistados**

Idade	Nº pessoas	%
Menos de 20 anos	<b>3</b>	<b>10%</b>
21 a 40 anos	<b>7</b>	<b>33%</b>
41 a 70 anos	<b>20</b>	<b>67%</b>

**Tabela 2 – Estado Civil**

Estado Civil	Nº pessoas	%
Casado (a)	<b>22</b>	<b>74%</b>
Viúvo (a)	<b>5</b>	<b>16%</b>
Solteiro (a)	<b>3</b>	<b>10%</b>

Entre os entrevistados 67% tinham entre 41 e 70 anos de idade, 33% entre 21 e 40 anos e 10% menos de 20 anos (cfe. Tabela 1). 74% são casados, 16% viúvos e 10% solteiros.

**Tabela 3 – Nível educacional**

Nível educacional	Nº de pessoas	%
Analfabetas	<b>2</b>	<b>6%</b>
Até 5ª ou 6ª séries do Ensino Fundamental	<b>21</b>	<b>70%</b>
Ensino Fundamental Completo	<b>2</b>	<b>6%</b>
Ensino Médio incompleto ou completo	<b>4</b>	<b>12%</b>

<sup>5</sup> As casas foram escolhidas aleatoriamente, sendo entrevistadas as pessoas que estavam em casa e se dispuseram a dar entrevista, sem distinção de sexo ou idade. De algumas famílias foram entrevistadas apenas uma pessoa, de outras duas, três ou até quatro pessoas. As entrevistas foram realizadas individualmente.

<sup>6</sup> As entrevistadoras foram acompanhadas por um técnico agrícola da Emater/RS (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), pessoa que conhecia e era conhecida pelos moradores.



O nível educacional, especialmente dos entrevistados com idade mais elevada, era consideravelmente baixo. Dos 30 entrevistados (cfe. tabela 3) 6% eram analfabetos, 70% estudaram até a 5ª ou 6ª séries do Ensino Fundamental, 6% concluíram o Ensino Fundamental e 12% tem o Ensino Médio incompleto ou completo. Os entrevistados mais jovens destacaram que estão e/ou pretendem continuar estudando, principalmente com objetivo de futuramente encontrar um emprego na cidade.

As origens-étnicas predominantes são a alemã e a italiana. Todas as pessoas são integrantes de alguma comunidade religiosa destacando-se as religiões católica, evangélica e luterana.. A forma de participação social dos agricultores ocorre através de entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, as Cooperativas Agropecuárias, os Clubes Sociais e da Terceira Idade. Algumas mulheres também participam do Clube de Mães ou Grupo de Mulheres.

Todos os entrevistados consideram-se agricultores e caracterizam-se pelo desenvolvimento de uma agricultura familiar, de pequena escala e com mão-de-obra familiar. As propriedades caracterizam-se como minifúndios.

#### 4. Área das propriedades rurais

Área da propriedade	Nº de pessoas	%
Menos de 5 hectares	<b>6</b>	<b>20%</b>
De 6 a 10 hectares	<b>12</b>	<b>40%</b>
De 11 a 15 hectares	<b>7</b>	<b>24%</b>
De 16 a 29 hectares	<b>5</b>	<b>16%</b>

Conforme tabela 4, 60% dos entrevistados possuem menos de 10 hectares de terra, 24% entre 11 e 15 hectares e apenas 16% tem mais de 16 e no máximo 29 hectares. Vinte e cinco pessoas possuem terra própria e 5 arrendam área para trabalhar. O principal produto produzido nas comunidades, citado por 22 entrevistados, é a vassoura artesanal de palha, que tem sua matéria-prima cultivada e colhida pelos agricultores. A confecção destes produtos artesanais e a comercialização das vassouras no comércio e residências da região é realizada pelas famílias de agricultores. Nas comunidades também cultiva-se, para comercialização, soja, milho, leite, trigo, mel e peixes. A subsistência das famílias é garantida através da produção de diversos



produtos, como mandioca, feijão, batata, carne, hortaliças, amendoim e outros. A maior parte do cultivo é realizada sem a utilização de máquinas.

#### **4 AS FONTES E O ACESSO AS INFORMAÇÕES AMBIENTAIS**

Grande parte das informações sobre o meio ambiente são recebidas pelos agricultores da amostra analisada através da mídia. A televisão foi citada por 18 pessoas e o rádio por 14, ficando evidente a importância e a influência dos meios de comunicação na constituição dos conhecimentos e da visão de mundo dos entrevistados. O acesso a informações sobre o meio ambiente também acontece através de palestras, reuniões, de leituras e orientações de agentes de saúde, técnicos de cooperativas e da extensão rural. Os filhos, as escolas e conversas com amigos e vizinhos também são fontes informais de informação sobre meio ambiente.

A primeira pergunta se referia as informações e temáticas ambientais que os agricultores tem acesso. Os agricultores destacaram que as principais informações ambientais que chegam até eles são sobre: o perigo da utilização dos agrotóxicos<sup>7</sup> e da aplicação destes sem a utilização de equipamentos adequados, a necessidade da devolução das embalagens de agrotóxicos nos locais de venda, a importância da coleta do lixo e de não se jogar lixos nas matas, estradas e rios. Também foram destacados, por vários entrevistados, aspectos como: a necessidade de preservação da natureza como um todo, a preservação dos rios e das águas em geral e o perigo das queimadas.

Indagados se recordavam de algo que leram, ouviram ou assistiram sobre meio ambiente nos meios de comunicação, que assunto e em que meio, os entrevistados tiveram dificuldade de lembrar um assunto específico que viram ou ouviram na mídia. Apenas dois agricultores destacaram matérias e programas específicos. Marcio<sup>8</sup> lembrou uma de uma reportagem que assistiu sobre a preservação de fontes de água no Programa Globo Rural e Fernando recordou uma informação sobre a poluição dos rios, apresentada no Programa da Xuxa. Os demais destacaram temas gerais como: o desmatamento (principalmente em áreas do norte do Brasil), as queimadas, a limpeza de rios e áreas ambientais, a preservação das águas. Luíza destacou que não vê na TV informações sobre o perigo dos venenos e sobre os transgênicos.

---

<sup>7</sup> O termo agrotóxico, neste texto, será também referenciado como venenos, por ser a nomenclatura mais usada pelos entrevistados

<sup>8</sup> Todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios para manter a privacidade dos entrevistados.

Comparando as respostas as diversas perguntas percebemos que há diferença entre os temas abordados especificamente pela mídia e aqueles abordados por outras fontes. Os meios de comunicação apresentam, com frequência, temas como queimadas e desmatamentos em locais distantes, como na Amazônia, enquanto que problemas como o uso indiscriminado de agrotóxicos, a diminuição dos níveis dos rios e a poluição das águas, que estão diretamente relacionados à vida dos agricultores e interessam a estes, não são veiculados constantemente na mídia. Assim, confirmam-se as afirmações, já apresentadas anteriormente, que é notícia aquilo que está relacionado aos grandes desastres ambientais, aos paraísos ecológicos e aos interesses do meio de comunicação e do capital.

Os meios de comunicação, mesmo sendo fontes importantes de informação, abordam temáticas que nem sempre são as mais relevantes as comunidades locais. Assim, as informações mais lembradas são aquelas repassadas por outras fontes, como os técnicos das cooperativas da região, da Emater e da prefeitura, que realizam trabalhos constantes de conscientização dos agricultores.

Interrogados sobre que temática ambiental abordariam, se fossem produzir uma matéria para televisão, os entrevistados destacaram principalmente temas como: os venenos, o lixo e a água. Os exemplos a seguir mostram as preocupações com o meio ambiente expressos nas suas falas:

Falaria para usar menos venenos para o nosso ar ficar mais puro.(Maria)

Quem ainda não quer entender que o lixo tem que ter destino adequado e não ser jogado em qualquer lugar. Embalagens de agrotóxicos, nos capões. Garrafas plásticas, nos rios. Se todos cuidarem evita muita coisa. (Augusto)

Pediria para todos preservar. Não usar veneno. Não matar pássaros. Manter água limpa.(Catia)

Eu ia falar sobre água. Porque daqui para frente todo o cuidado é pouco. Água é tudo. Sem água não tem nada.(Cíntia)

As manifestações dos agricultores ouvidos revelam a necessidade de matérias mais frequentes, profundas e contextualizadas e que dêem conta dos desafios que eles enfrentam no seu cotidiano. Tais temas estão presentes na mídia, mas não em quantidade e qualidade suficientes para tocar, afetar e despertar nas pessoas o desejo de mudar suas atitudes, criando uma nova cultura de religação do homem com a natureza.



## 5 O MEIO AMBIENTE NA VISÃO DOS AGRICULTORES

Sobre a conservação e degradação do meio ambiente os agricultores tem opiniões distintas. Alguns entrevistados mesmo acreditando que o meio ambiente está mais conservado e que as pessoas estão mais conscientes, apontam aspectos de degradação, como atestam as opiniões a seguir:

Eu acho que está mais conservado. Melhor que há alguns anos atrás. Aumentaram as matas. (Wilson <sup>9</sup>)

Ainda está meio feia a situação. Tem muita gente que põe lixo na água, matam bastantes bichos (Norma).

Tem vizinhos que ainda queimam as matas. Os rios estão com lixos. (Augusto)

Já está melhor, porque proibiram tudo. Se desmatar tem que plantar. Mas a sanga, que tinha água como cristal, hoje foi aterrada. A água está contaminada por causa do veneno. Criei meus filhos com esta água. (Vera)

Acho que está preservado. Estão caprichando na coleta de lixo. Mas muitos poços de água estão secando. (Cátia)

O vizinho coloca muito veneno. O cheiro é forte. A gente passa mal. Tem dor de cabeça. Enquanto não preciso não uso veneno. Pessoas falam que faz mal, mas não respeitam. (Ilza)

Tem menos embalagens de veneno atiradas, diminui a poluição dos rios, mas no ar tem muito cheiro de veneno. (Douglas)

O veneno é um problema sério. Ele mata, destrói. (Luiza)

Eu acho os venenos muito perigosos. Eu sou contra. Devia voltar antigamente, que ninguém usava. Se fosse terminar (o uso de venenos), mas acho que não termina, todo mundo passa. (Cleci)

A água! Eu acho que as pessoas têm que se conscientizar e cuidar mais. Mesmo a gente. (Nilda)

Está péssimo. Porque muita gente joga lixo no rio. Até aquele riozinho ali (Tigre) está feio. (Carine)

Agora está melhorando bastante. Não se enxerga mais tantas embalagens de veneno e litros de refrigerante. Os rios estão 70% menos sujos. Tinha peixe morto nos rios. (Aldo)

---

<sup>9</sup> Neste caso específico destaca-se que o entrevistado mora em frente a uma área que foi reflorestada nos últimos anos, e por isso talvez acredite que as matas tenham aumentado.



Bom não está. Antigamente tinha mais mato. Não tinha tantas pragas nas lavouras. As pragas ficavam no mato. Agora não existe mais e é necessário usar veneno que faz mal. As pessoas estão despertando muito tarde. Alguns cuidam mais, mas muitos não. (Cíntia)

Não está mais como antigamente. O sol não é mais tão quente. Ar e vento não são mais tão puros. Antigamente não tinha tanta gente doente. Era mais natural. É preciso cuidar mais da água, usar menos veneno. Água e ar o corpo precisa. Meu pai tem 96 anos. Eu acho que nós não vamos chegar até lá. O pai comia coisas puras, hoje não é mais assim.  
(Renata)

Procuo plantar frutas e manter elas sem produtos químicos para não fazer mal a saúde. (Oscar)

Como se observa, nas declarações dos entrevistados existe a preocupação com a utilização excessiva dos venenos e com a contaminação e diminuição das fontes de água. As pessoas expressam que têm consciência de que os venenos fazem mal e dizem que não gostariam de usar, porém estão inseridas em um sistema onde há poucas alternativas. A aplicação do agrotóxico, na visão dos agricultores, é fundamental para conseguir manter a produtividade das lavouras, o que contribui para ampliar o desequilíbrio ambiental. Além disso, se uma só família aplica, os efeitos são sentidos em toda região, o que indica que a ação de não aplicar deve ser coletiva. A falta de alternativas, expressada pelos agricultores, deve-se a falta de divulgação dos métodos eco-sustentáveis de produção. Nesse processo as outras instituições que produzem conhecimento e tecnologias voltadas para a agricultura ecológica desempenham um papel fundamental.

Várias pessoas ressaltaram que devido à abertura de poços artesianos financiados pelo governo, hoje têm água em quantidade e qualidade para suprir suas demandas, o que seria impossível se estivessem ainda sendo abastecidos pelas anteriores fontes de água. Esclarecem que muitas estão contaminadas ou se extinguindo devido a escassez de água.

As comunidades pesquisadas já contam com coleta de lixo, mesmo assim, como pode ser observado nas respostas destacadas, o lixo é visto como um problema grave na região, pois algumas pessoas preferem descartá-lo em locais inadequados e até mesmo nos cursos d'água.

Os agricultores também mostraram preocupação com a saúde das pessoas e fizeram reflexões sobre a vida dos seus pais que era mais saudável. Declararam que as



comunidades estão mais conscientes em relação a necessidade de preservar o meio ambiente a sua volta:

O povo está mais preparado. Filhos conscientizam pais. Eu acho importante esta mudança. O ar está mais limpo. (Valter)

Agora a gente está dando razão. Antes não acreditava. Diminuiu muito a quantidade de água. Há pouco mato. É preciso fazer plantio direto para conservar a terra. (Vitor)

O meio ambiente é tudo. Estou sempre cuidando e plantando árvores. Veneno tinha que ter um controle. Multa para quem não obedece. (Luíza)

Por mim ia estar tudo bem. Eu não queimo nada. Mas tem muita gente que não respeita, polui, queima, passa veneno e não cuida. Já está mudando, por exemplo, com a soja transgênica, que não precisa tanto veneno. É um produto mais limpo. (Fernando)

O que gosto é manter e não destruir. Todas as minhas frutas são tratadas com produtos caseiros. Mantenho o verdejo, não queimo. Eu penso pelos pequenos, porque nós já estamos sofrendo. (Oscar)

Precisamos cuidar de tudo que é coisa, para os netos e bisnetos. (Vera)

É preciso pensar no futuro, nos filhos. Cuidar da terra porque senão não vai mais ter terra. (Aldo)

É preciso cuidar o meio ambiente para os nossos filhos e netos. A gente não vai chegar lá, mas eles vão querer ter algum lugar. (Norma)

Como se observa nos discursos dos entrevistados, várias ações são implementadas com a intenção de deixar uma herança saudável para seus filhos e netos. O plantio de árvores, a preservação de animais, a diminuição do uso de venenos e até a crença de que os transgênicos ajudam a diminuir o uso dos agrotóxicos revelam que há um desejo de cuidar do meio ambiente.

A preocupação com a fauna e a flora e o interesse em defender a natureza foram apontadas por Samyra Crespo (2003), como um dos resultados da pesquisa realizada para avaliar a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 90. Tal preocupação quase não se reflete nas medidas relacionadas ao processo produtivo, ou seja, ao cultivo das lavouras e à criação dos animais. Poucas ações dos agricultores são direcionadas ao combate a erosão e ao controle da poluição da água e ar. Ou seja, aquelas ações que exigem mudanças profundas na forma de agir e produzir no cotidiano não são implementadas coletivamente.



Entretanto, esse quadro poderia ser alterado se fossem adotados programas de educação ambiental e se a mídia veiculasse informações, que trouxessem o meio ambiente para a vida cotidiana das pessoas. Ao insistir nessas reportagens, a mídia pode estar ajudando a produzir um deslocamento da consciência em relação à ação (CRESPO, 2003).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa revelou o pensamento dos agricultores em relação à conservação do meio ambiente. Mesmo desenvolvendo uma atividade intimamente ligada à natureza, possuem uma visão ainda restrita e parcial, excluindo do meio ambiente de suas vidas. A fauna e a flora continuam sendo prioridades ao pensar o meio ambiente, enquanto que práticas agropecuárias, extremamente danosas aos recursos naturais, muitas vezes, não são lembradas pelos entrevistados.

A mídia não apresenta um enfoque contextualizado e profundo das temáticas ambientais que afligem os agricultores no seu dia-a-dia e nem com a frequência que eles gostariam. Este tratamento superficial e distante dos assuntos ambientais pela mídia influenciam diretamente a opinião dos agricultores pesquisados, gerando significações, crenças, valores e também construir visões da realidade. Assim as informações mais relacionadas ao cotidiano dos agricultores são transmitidas por outras fontes, como escolas, cooperativas agropecuárias, extensão rural, sindicatos, agentes de saúde, que levam aos agricultores muitas informações sobre o tema.

Os agricultores declararam estar sentindo os efeitos de degradação ambiental no seu cotidiano, como as fontes de água que estão secando e o ar poluído pelos agrotóxicos. Manifestaram-se favoráveis em relação a necessidade de preservar os recursos naturais, no entanto, muitas vezes, não sabem como reverter estes processos, pois estão inseridos num processo competitivo, que não combina com o funcionamento cooperativo das redes vivas que interagem na da natureza.

Sentindo os efeitos do meio ambiente desequilibrado, os agricultores mostram-se preocupados com o bem-estar e o futuro dos seus filhos e netos. Entretanto, não conseguem passar do nível da preocupação, que é desmobilizadora, para a ação. Para tanto, faz-se necessário à implementação de uma política de comunicação e educação ambiental que rompa o isolamento e permita a inclusão de cada cidadão. A atividade agrícola é isolada e os agricultores precisam sentir apoio e saber que há solução para os



problemas que enfrentam. Os veículos de comunicação podem contribuir com esse processo através da divulgação de informações qualificadas, estimulando, apontando caminhos e desencadeando processos comunicacionais em cada indivíduo, que, não estando mais sozinho, poderá buscar soluções coletivas para os desafios que precisa enfrentar.

## REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2002
- CAPRA, Fritjof. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. in TRIGUEIRO, André., coord. **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- CRESPO, Samyra. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos de 1990. In TRIGUEIRO, André. (coord) **Meio Ambiente no Século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 58-73.
- DENCKER, Ada de Freitas e KUNSCH, Margarida. Org. **Comunicação e meio Ambiente**. São Bernardo do Campo. Intercom. 1996.
- HANNIGAN, John A . **Sociologia Ambiental: A formação de uma perspectiva social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995
- LEFF, Henrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MORLEY, David e STONE, Roger Silver. Públicos mediáticos: Comunicación y contexto: La perspectiva etnográfica en los sondeos de opinión. In JENSEN K.B. e JANKOWSKI N.W. . **Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas**. Barcelona: Bosch Casa editorial, 1993.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios as Mediações. Comunicação, Cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª edição, 2003
- ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio Ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1998
- SILVEIRA, Miguel Ângelo da. Comunicação rural e sustentabilidade agrícola. In DENCKER, Ada de Freitas e KUNSCH, Margarida. Org. **Comunicação e meio Ambiente**. São Bernardo do Campo. Intercom. 1996.
- TRIGUEIRO, André., coord. **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- VEIGA, José Eli da. A agricultura no mundo moderno: diagnóstico e perspectivas. In TRIGUEIRO, André., coord. **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003